

7. Prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais

Kathie Njaine
Queiti Batista Moreira Oliveira
Fernanda Mendes Lages Ribeiro
Maria Cecília de Souza Minayo
Regina Bodstein

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NJAINE, K., *et al.* Prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, MCS., ASSIS, SG., and NJAINE, K., orgs. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 183-205. ISBN: 978-85-7541-385-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS

*Kathie Njaine
Queiti Batista Moreira Oliveira
Fernanda Mendes Lages Ribeiro
Maria Cecília de Souza Minayo
Regina Bodstein*

Neste capítulo, analisamos as questões que envolvem o apoio e a atenção aos adolescentes em situação de violência nas relações afetivo-sexuais com o objetivo de propiciar uma reflexão sobre formas de prevenção. São estudados os tipos de apoio que os jovens recebem ou que gostariam que existissem na escola, na família, na mídia, nos serviços de saúde e em outros espaços de sua convivência.

No Brasil, inexistem experiências consolidadas de prevenção à violência no namoro ou no ‘ficar’ entre adolescentes e jovens, e o tema é pouco destacado nos estudos sobre a adolescência de modo geral. Está presente, porém, no relato de algumas pesquisas sobre sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e Aids (Taquette *et al.*, 2003; Ruzany *et al.*, 2003). Um pressuposto para a lacuna de investigações sobre essa temática é que as questões sobre namoro e ‘ficar’ ainda são tratadas como problemas da esfera privada, e a própria adolescência é concebida como uma etapa transitória e efêmera.

Os jovens que participaram da pesquisa sobre violência no namoro nas dez capitais brasileiras nos convenceram da importância dessas experiências em suas vidas e nos revelaram a existência de várias situações violentas presentes nos relacionamentos. Ao nos confidenciar seus problemas e o impacto desses eventos sobre sua saúde física, emocional e sexual, os jovens fazem uma inflexão sobre os caminhos para a construção de medidas de intervenção que visem a tornar suas relações mais saudáveis e sem violência. Essa importante interlocução com os participantes da pesquisa reconstrói possibilidades de prevenção às diferentes formas de violência e joga luzes no campo da sociabilidade e da promoção da saúde desse grupo.

Em seus depoimentos, os adolescentes elegeram os diversos ‘atores referências’ para sua vida – como pais, professores, profissionais de comunicação, de saúde e religiosos – como as pessoas mais experientes para ajudá-los a compreender, a superar os conflitos inter-relacionais e a estimular relacionamentos afetivos que lhes tragam alegria e confiança. Wolfe, Wekerle e Scott (1996) sugerem que não foquemos apenas nos

comportamentos violentos para, em seguida, propor ações de prevenção. Esses autores insistem na necessidade de promoção da saúde e de direitos, e mostram como é essencial atuar no estabelecimento de vínculos de confiança, de acolhimento e de liberdade para que os jovens se sintam à vontade para expressar sentimentos, como raiva, dor e alegria.

Procuramos, com base nos depoimentos, indicativos dos próprios jovens que possam subsidiar ações de prevenção à violência no namoro e no 'ficar', balizando-os em experiências internacionais (Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004; Foshee & Arriaga, 2004; Kuffel & Katz, 2002). Nossa preocupação é propor ações que contribuam efetivamente para a desnaturalização e a diminuição da violência nas relações afetivo-sexuais, evitando que sua prática se torne um padrão para a vida adulta.

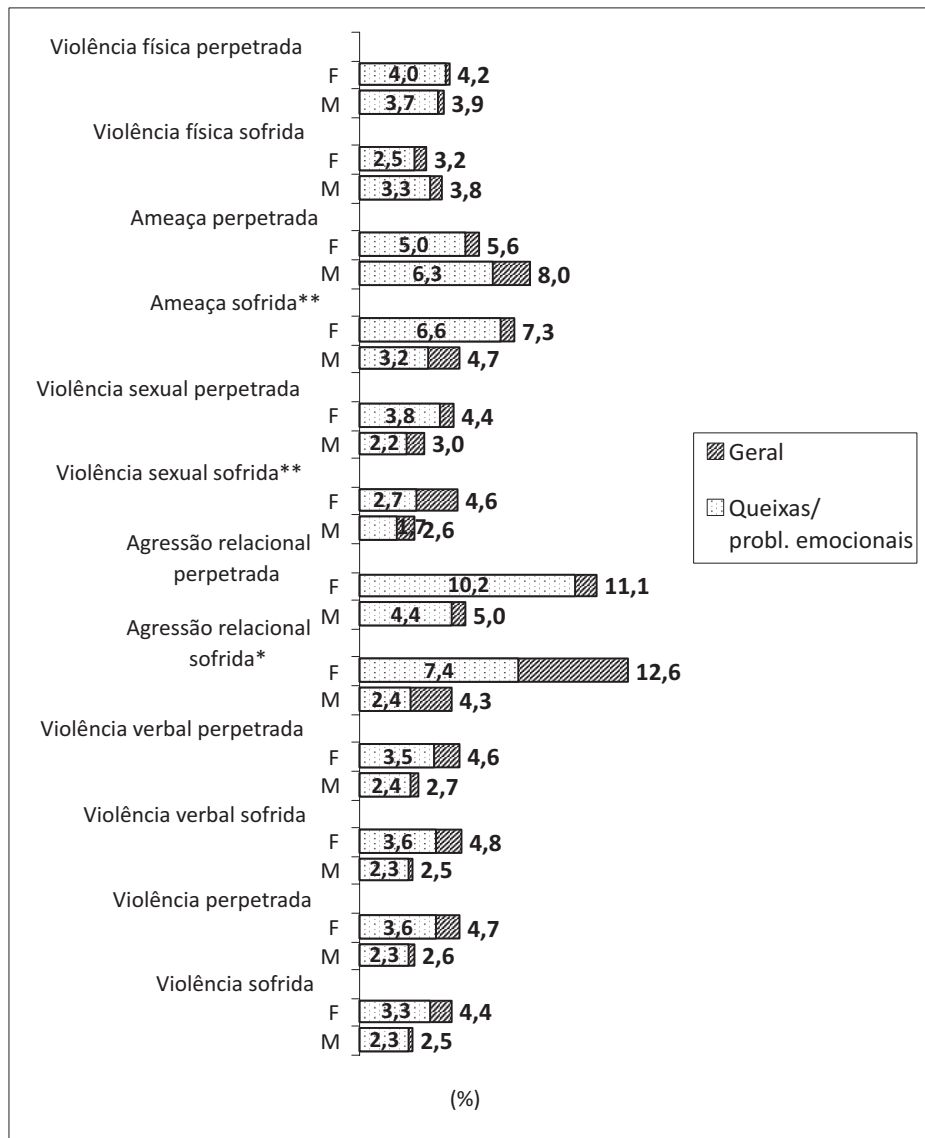
BUSCA DE AJUDA

Ao analisar os dados quantitativos, verificamos que os adolescentes, independentemente de estrato social e de região do país, raramente procuram ajuda para resolver situações de violência no namoro ou no 'ficar'. Do total de 3.205 jovens entrevistados na pesquisa, apenas 3,5% afirmaram já ter solicitado 'apoio profissional' por causa de algum tipo de agressão dentro do relacionamento amoroso, seja no namoro, seja no 'ficar'.

A busca de ajuda profissional varia de acordo com os tipos de violência e com o sexo (Gráfico 30). Do pequeno grupo que buscou ajuda, a procura foi principalmente motivada por problemas emocionais decorrentes de violência relacional perpetrada ou sofrida. Exemplificando, 11,1% dos jovens que praticam ou sofrem essa forma específica de violência procuraram ajuda profissional, e a quase totalidade (10,2%) o fez devido a problemas emocionais, indicando haver um impacto significativo para o jovem quando o parceiro 'mancha' sua imagem para os pares. Os jovens que são vítimas ou perpetram ameaças seguem em frequência, no que se refere à busca de ajuda profissional. As agressões emocionais não são concebidas aqui como atos polarizados, em que um pratica e o outro é vítima, pois envolvem relações e contextos individuais, familiares e sociais, conforme indicam outros estudos (OMS, 2002).

A busca de ajuda é similar entre os jovens de ambos os sexos, mas com exceções: meninas sofrem mais ameaças, violência relacional e sexual e procuram mais do apoio que os rapazes (Gráfico 30).

Gráfico 31 – Procura de ajuda profissional devido à violência nas relações afetivo-sexuais de jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo



*p < 0,01.

**P < 0,05.

Além de profissionais, indagamos aos jovens que outras pessoas buscam em casos de violência no namoro ou no 'ficar'. Constatamos que os amigos são os mais procurados (45,9%), seguidos pelos familiares (24,2%). Profissionais religiosos (3,6%), de saúde (3,3%) e professores (2,6%) são citados com menor frequência.

Ao perguntar, de forma mais hipotética, quem seria a pessoa mais indicada para ajudar o jovem em caso de violência no namoro ou no 'ficar', vimos situação invertida:

os familiares são os primeiros a serem lembrados (46%), seguidos pelos amigos (22,1%). Os profissionais de saúde foram mencionados por 13,4% dos jovens, seguidos pelos educadores e religiosos (1,5% cada).

Perguntamos também aos jovens que tinham procurado ajuda devido a problemas no relacionamento amoroso como eles avaliam o apoio recebido. Verificamos que 90% o julgam bom ou excelente, indicando que efetivamente encontraram ajuda para lidar com suas dificuldades.

Os adolescentes expressam de várias formas suas dificuldades para lidar com situações de violência no namoro e no ‘ficar’ e para obter suporte emocional por parte da família, da escola e dos serviços de saúde. A ajuda profissional, quando identificada, geralmente provém da psicologia. Como apontado anteriormente, em geral os ‘amigos mais próximos’ são os mais procurados para compartilhar confidências e decisões nos momentos de insegurança e medo, sobretudo quando se veem ameaçados ou sofrem violências nas relações. Entretanto, muitos se veem de fato sozinhos para lidar com essas situações no relacionamento, sem qualquer orientação ou interlocução com aqueles que consideram suas referências: “Eu procurei em primeiro lugar a minha religião, meus pais, geralmente eu não vou por eles. Eu vou de acordo com minha religião e meus amigos” (Homem, escola pública, Brasília);

Quando a gente ia terminar, ele disse para mim que queria me bater. Eu até falei com minha mãe: ‘Mãe, sei lá, eu tenho que ir num psicólogo, estou mal’. Aí minha mãe: ‘Que nada, [você é] uma menina sadia’. Aí eu fiquei quieta porque ela não sabia o que estava acontecendo comigo. Eu estava tentando me matar, coloquei remédio no copo para beber [veneno para rato]. (...) Os pais da gente são os últimos a perceber, as pessoas de fora percebem mais. (Mulher, escola pública, Cuiabá)

Indagamos nas entrevistas individuais e nos grupos com os jovens sobre como – e com quais pessoas ou instituições – poderiam ser abordadas as questões sobre violência no namoro e no ‘ficar’. Dentre as opções estavam professores, familiares, profissionais de comunicação e de saúde e outros. Os jovens, independentemente de sexo e de estrato social, elegem a ‘família’ para trabalhar essa temática, representada sobretudo pela figura dos pais como as pessoas em quem mais confiam. No entanto, a ‘escola’ foi a escolhida pela maioria como o espaço ideal para se desenvolverem ações de prevenção, inclusive envolvendo os pais como parceiros. A ‘mídia’ também foi avaliada pelos adolescentes como um meio importante para veicular mensagens para a juventude sobre questões de violência, porém os jovens fazem severas críticas aos conteúdos que ela transmite, demonstrando o pouco uso desse espaço na prevenção. Os ‘amigos’ são referidos, na maioria das vezes, como pessoas com quem contam para desabafar e trocar informações, mesmo que, em razão da pouca maturidade, não consigam muitas vezes orientar e aconselhar nos casos de violência no namoro ou em outras situações difíceis. Os ‘serviços de saúde’ e outros espaços possíveis de apoio aos jovens que vivenciam violência nas relações afetivo-sexuais são raramente citados, embora se saiba que muitos casos graves relacionados a esse tipo de violência chegam a esses serviços de forma frequente. Esse

fato nos indica a pouca visibilidade que os serviços de saúde têm para os jovens como potencial de orientação, apoio, escuta e promoção da saúde.

O APOIO DA FAMÍLIA: ENTRE O REAL E O IDEALIZADO

Muitos casos que envolvem violência no namoro ou no ‘ficar’ são omitidos dos pais por parte dos jovens. Um estudo realizado por Zagury (2003) constatou que 87% deles confessam fazer coisas escondidas dos pais, sendo essa uma de suas características nessa etapa da vida. A pesquisa citada mostra que esse comportamento é caracterizado pela distorção ou omissão dos fatos ou mesmo pela mentira, podendo, inclusive, afastar o adolescente da família. Em nosso estudo, muitos jovens disseram que ocultam fatos que envolvem violência no namoro por vergonha, medo ou dificuldade de diálogo com a família. Nas capitais onde o estudo foi realizado, somente cerca de um em cada quatro jovens disse ter procurado a ajuda dos pais. Entretanto, 46% deles consideram que os familiares são as principais pessoas que podem ajudá-los em casos de violência nas relações afetivo-sexuais. Apesar de idealizarem uma relação aberta com os pais, sem constrangimentos, na qual possam conversar sobre seus medos, dúvidas e sentimentos sobre a vida afetivo-sexual, muitos jovens revelam que sentem grandes dificuldades de comunicação familiar.

A relação de muitos adolescentes com suas famílias é conflituosa. A existência de uma expectativa de serem compreendidos pelos pais coexiste com uma revolta contra o controle excessivo que os familiares exercem sobre seus namoros. Como revela uma menina: “Primeiro recriminam para depois dar conselho, por isso que eu e alguns filhos não procuramos a ajuda dos pais” (Menina, escola particular, Recife).

As meninas, de forma geral, relataram sofrer controle maior por parte dos pais e dos irmãos.

A primeira vez que eu falei que eu estava namorando já ficaram me olhando assim. Eu nunca fiz nada de errado na minha vida, nada, minhas notas são ótimas, nunca trouxe problema nenhum, aí eles já vieram com cara de desconfiança. (Mulher, escola particular, Belo Horizonte)

Os meninos que participaram da pesquisa afirmaram que os pais precisam ter mais diálogo com os filhos sobre o relacionamento amoroso para lhes dar apoio quando precisam. Mas principalmente eles relatam que não têm comunicação com a família ou interagem somente ou com o pai ou com a mãe. De modo geral, os meninos acusam os pais de conversarem pouco ou nada sobre as experiências afetivo-sexuais dos filhos.

A maioria dos meninos e meninas declarou ter muitas dificuldades de se abrir com os pais, e de relatar seus problemas de relacionamento para um dos progenitores. Apesar das dificuldades, a maioria acredita que a família deva ser a base da educação dos filhos e precisa ampliar seu olhar para os problemas da adolescência.

Eu acho que poderia ajudar mais é a escola e a família, porque é onde mais o adolescente está. (...) na família poderia ter um diálogo mais aberto entre pai e filho, mãe e filha, e na escola ter

tipo pessoas virem fazendo palestra sobre isso e abordar sobre o assunto da violência. (Homem, escola pública, Brasília)

Na prática, meninos e meninas buscam entender sozinhos seus conflitos no namoro ou no ‘ficar’. “Eu resolvi [a briga], só eu e ele mesmo, e não falei para ninguém. Escondi da minha mãe” (Mulher, escola pública, Manaus); “Meu pai não está nem aí! Meu pai nunca me deu uma camisinha! Quem faz isso é meu irmão” (Homem, escola particular, Porto Alegre).

Muitos disseram pedir ajuda a amigos que consideram íntimos, geralmente colegas da escola. A intimidade com os amigos não significa falta de confiança na família. Mas no que concerne ao namoro, muitas jovens dizem quase em coro: “As amigas sabem mais que mãe” (Mulheres, escola particular, Belo Horizonte).

Nas entrevistas em grupo, meninos e meninas ressaltaram em vários momentos a confiança que têm no papel da escola e no da família na prevenção da violência, embora, como já vimos apontando, há várias dificuldades nas relações com essas instituições: “Se tivesse um psicólogo, uma pessoa própria para tratar desses assuntos com os alunos, interagindo com os alunos, com certeza ajudaria” (Mulher, escola pública, Manaus).

Convivências positivas com a família também foram relatadas, como a amizade com o pai, com a mãe ou com ambos, com irmãos, com tios e com avós, propiciando um ambiente afetivo e de acolhimento para os jovens. As figuras de referência no espaço familiar se alternam no cuidado, na proteção e na orientação ao adolescente quando necessário, trazendo segurança ao jovem para falar sobre seus conflitos. Como diz uma jovem no grupo de uma escola pública de Recife, “minha avó me dá mais conselhos”, o que, segundo afirma, a ajuda a se prevenir de situações de violência. Alguns depoimentos são relevantes para compreendermos esses contextos de apoio: “Muita gente tem vergonha de falar para mãe o que aconteceu, mas eu acho que é a melhor solução, pelo menos para mim foi. Eu falei mesmo, eu estava chorando muito” (Homem, escola pública, Brasília); “Com meu irmão mais velho, sou bem aberto com ele (...). Ele já falou várias coisas para mim que eu precisasse” (Homem, escola particular, Porto Alegre); “Sempre quem escuta mais é a mãe. Pode contar que ela vai te escutar, e nem sempre a amiga vai te escutar e te aconselhar do mesmo jeito que a mãe” (Mulher, escola pública, Rio de Janeiro);

Geralmente, eu converso ou com minha irmã ou meus amigos, meus primos. Quanto aos meus pais, a gente é superligado, mas não tenho tanta afinidade para esses assuntos. Converso com minha irmã, porque ela tem personalidade muito parecida com a minha, é mais nova. (Homem, escola pública, Florianópolis)

A figura da mãe foi a mais lembrada quando se trata de conversar sobre as angústias e dúvidas. O distanciamento ou mesmo a ausência da figura do pai foi apontado por muitos meninos: “Eu acho que o pai tem que chegar e falar: ‘Como é que está indo seu namoro, meu filho, como é que está como a namorada?’” (Homem, escola pública, Belo

Horizonte); “A conversa máxima que eu tive com meu pai desse tipo foi: eu ir viajar e ele me deu uma caixa de camisinha. ‘Olha, vai no meu quarto, pega no guarda-roupa isso e leva’. Pronto” (Homem, escola pública, Brasília).

As relações entre pais e filhos são marcadas por diferenças de gênero. Para as meninas, o tratamento que recebem do pai nem sempre é igual ao que é dado aos filhos homens. Pais e filhos homens estabelecem, em alguns casos, uma cumplicidade pautada pela ideia de conquista e virilidade, o que facilita uma forma de comunicação: “Eu converso com meu pai. Com o pai é sempre mais fácil, porque é homem com homem” (Homem, escola pública, Florianópolis).

Os adolescentes sugerem que programas de prevenção à violência incluam os pais nas ações, pois acreditam que muitos não sabem conversar sobre relações afetivas e sexuais com os filhos, não aceitam falar sobre sexualidade ou se sentem inseguros. “Há uma barreira muito grande. Há pais que não sabem lidar e aqueles que precisam falar mais conosco”, afirma o jovem de uma escola particular de Recife. “Deveria haver orientação para os adultos. Eu acho que é bem legal para os pais saberem como orientar os filhos”, revela uma moça de escola particular de Teresina.

A relação da família com a escola tem sido um tema bastante discutido em vários estudos, principalmente no que se refere à responsabilidade de educar, tarefa que os pais esperam compartilhar com os educadores. Por sua vez, a escola espera que a família faça o mesmo e refere-se aos pais como omissos em relação à educação e ausentes do cotidiano escolar (Minayo, Njaine & Assis, 2004). Estudos que discutem a participação da família e da escola na prevenção ao uso de drogas destacam seu papel como as instituições mais importantes na transmissão e na assimilação de conhecimentos, hábitos e atitudes para os adolescentes (Tondowski & Henriksson, 2007; Schenker & Minayo, 2005; Costa & Gonçalves, 1988; Araldi, Njaine & Oliveira, s.d.).

Mas, de modo geral, os adolescentes dizem que não há um interesse por parte da sociedade no que se refere a suas experiências de namoro, seus sentimentos, suas decepções ou às violências que porventura ocorrem nessas relações. Como já foi referido no capítulo 1, o jovem nunca foi tão valorizado nem sua imagem tão usada como forma de eternizar essa etapa da vida, vender produtos e aprisionar os próprios adolescentes na teia consumista (Savage, 2009b; Bauman, 2004; Kehl, 2004). Esse interesse é unicamente mercadológico, não importando outras questões relacionadas a esse grupo etário.

Eu acho que as pessoas não estão nem um pouco interessadas, só querem saber se o jovem está fumando droga, se já está vendendo droga. Eles não querem saber dos sentimentos dos jovens, se está bem com o namorado ou está ruim. Eu acho que eles deviam ter mais diálogo com o jovem, assim como vocês [pesquisadores] estão fazendo. (Mulher, escola pública, Manaus)

O tema da sexualidade na adolescência, por exemplo, ainda é um tabu que precisa ser enfrentado na sociedade. O modo como essa temática é tratada na maioria das vezes incomoda os jovens pela maneira prescritiva e pela pouca possibilidade de interlocução. Esse fato acaba afetando a comunicação com os mais velhos, sejam eles pais, sejam professores, profissionais de saúde ou outros.

O APOIO DOS AMIGOS E DOS COLEGAS E A IMPORTÂNCIA DO PARTILHAR

Embora muitos jovens recorram aos amigos nos momentos de crise nos relacionamentos afetivo-sexuais, interpretamos que a pouca experiência deles com os problemas vividos os faz mais confidentes do que conselheiros. Por isso, os amigos são lembrados principalmente por estarem próximos e por viverem problemáticas semelhantes, e são sempre comparados, sobretudo, com os pais, que ao mesmo tempo que consideram que não são capazes de entendê-los, são seus verdadeiros esteios nas dificuldades: “É mais fácil falar com pessoa da nossa idade do que com alguém mais velho” (Homem, escola pública, Florianópolis).

As conversas sobre as questões afetivo-sexuais com os amigos partem da premissa de que determinados temas são tabus e interditos no ambiente familiar e que certos comportamentos são reprovados pelos pais. Mesmo quando existe amizade e bom diálogo com os progenitores, alguns assuntos constituem ‘papo’ de colegas e amigos: “Conversa mesmo é com os amigos primeiro. Falar de sexo com os pais é uma coisa estranha”, afirmou um estudante de escola pública de Porto Alegre.

Alguns dos motivos que os jovens alegam para não escolher os pais como seus interlocutores em temas afetivo-sexuais é a crença de que a diferença geracional impede os progenitores de compreender os filhos: “Na minha casa não tem essas coisas, minha mãe não tem diálogo” (Mulher, escola pública, Cuiabá); “De um tempo para cá mudou esse conceito de namoro, de ‘ficar’. Os pais não podem dar conselhos. Poder eles podem, mas não vão se sair tão bem quanto o conselho de um amigo que tem a nossa idade” (Homem, escola pública, Florianópolis).

Os amigos, todavia, nem sempre são aptos para ajudar, dependendo da gravidade do problema, ou mesmo porque influenciam uns aos outros, frequentemente sem critérios adequados. Por isso, alguns jovens parecem entender que os amigos podem ter um papel positivo ou negativo: “Amigo é muito bom e amigo é uma desgraça” (Homem, escola particular, Cuiabá); “Tem uns que dão conselho para te ferrar” (Mulher, escola particular, Belo Horizonte); “Tem amigo que te ferra, que bota pilha em você” (Homem, escola pública, Rio de Janeiro).

Alguns adolescentes reconhecem, porém, a importância de um amigo mais velho, que pode ser uma alternativa em face da dificuldade que sentem de se comunicar com os pais.

IMPORTÂNCIA DO APOIO, DO CONVÍVIO E DO CRESCER NA ESCOLA

A escola poderia ter uma presença mais marcante no que se refere à problematização da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes se aproveitasse a abertura que tem para discutir questões relacionadas à sexualidade. Constatamos que 56,7% dos entrevistados tiveram, no ano anterior à pesquisa, alguma palestra ou aula sobre educação sexual. Esse assunto foi mais tratado nas classes do ensino público (59,4%) do que nas do particular (48,6%). Vale destacar que alunos de algu-

mas cidades são privilegiadas com discussões sobre educação sexual, como é o caso de Porto Velho (66,6%), Cuiabá (66,5%), Manaus (63%), Belo Horizonte (62,7%) e Porto Alegre (62,4%).

Esses dados permitem vislumbrar o porquê de a escola ter sido eleita pelos adolescentes como uma das principais instituições potencialmente capazes de melhor abordar o tema do namoro, do ‘ficar’ e da violência nos relacionamentos amorosos. Entretanto, nos questionários, somente 1,5% dos jovens apontaram os professores como as pessoas mais indicadas para ajudá-los. Em uma escala de preferência, os educadores vêm abaixo da família, dos amigos e dos profissionais de saúde. Na prática, somente 2,6% dos adolescentes procuraram ajuda. Mas é importante ressaltar que, apesar de muitas oferecerem conteúdos sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis e Aids, as escolas não incluem discussões sobre relações amorosas entre adolescentes, atuando, em alguns casos, mais como uma repressão do namoro, do beijo e das manifestações afetivo-sexuais no espaço escolar.

A escola se mostra por vezes despreparada e desamparada para ser suporte e enfrentar os desafios trazidos pelos adolescentes. No entanto, por ser lembrada como um ambiente de extrema importância em suas vidas, sua responsabilidade é grande quanto ao apoio e à escuta. É nesse espaço de socialização secundária que os jovens fazem amigos e muitas vezes conhecem seus primeiros parceiros afetivos. Por isso, a valorização do espaço escolar é muito importante em termos de desenvolvimento de intervenções, uma vez que as propostas pedagógicas devem focar os valores de educação para a vida.

A escola, contemporaneamente, é designada a cumprir uma série de funções e a dar conta das constantes mudanças da sociedade, ao mesmo tempo que seus formatos pedagógicos são cada vez mais questionados.

O momento privilegiado de crise nas várias esferas da vida humana em seus aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais e subjetivos gera também uma forte carga de angústia e de incertezas sobre o sentido das instituições de ensino, da sua missão e do exercício da docência. Em geral, eles [os professores] estão tomados pela insegurança advinda da ideia de que, em uma práxis pós-moderna, perderiam sua função. (...) Hoje, o acesso à informação sobre quase todos os assuntos está na Internet e em outros meios de comunicação e de domínio público, que extrapolam o ambiente escolar. (Minayo, Njaine & Assis, 2004: 29)

O professor e a escola podem ser importantes aliados do aluno, pois em que pese a forte concorrência com os meios eletrônicos, a longa permanência nesse ambiente de socialização e de convívio social é marcante na vida dos adolescentes. O profissional da educação estabelece com os jovens um contato estrito e direto, por isso tem papel decisivo na formação do indivíduo.

Contudo, é comum na adolescência a pessoa entrar em conflito com figuras de autoridade e com a imposição de limites. A escola, por ser um lugar com regras e disciplinas, é também alvo de confrontações e questionamentos para os jovens: “Os

limites devem ter uma razão de ser e uma razão entendível para o(a) adolescente. Caso contrário eles serão negligenciados e deturpados das formas mais criativas possíveis” (Heidmann, 2006: 26-27).

Por sua vez, os professores podem ser figuras de referência para o adolescente (Cyrulnik, 2004; Assis, Pesce & Avanci, 2005) e incorporar um olhar para as vivências de namoro e de ‘ficar’ desse grupo.

Alguns jovens, no entanto, reconhecem na escola apenas um espaço restrito à função de ensinar, embora não descartem o seu papel social fora dos muros.

Eu acho que o que eu faço da porta do colégio para fora não é mais interesse do colégio. Eu acho que se eu bebo, se eu fumo, se eu me drogo fora do colégio, a função do colégio é o seguinte: me mostrar qual que é o caminho: ‘Olha, isso aqui não é bom pra você, pode gerar depressão, morte, quebra em termos financeiros’. (Homem, escola particular, Cuiabá)

Mesmo com opiniões diferentes sobre o papel referencial dos educadores, a maioria dos garotos e garotas deste estudo considera que a escola dá pouca atenção aos aspectos da vida emocional dos jovens.

A escola poderia ajudar. Professores, diretores, pedagogas, [quando veem que] a pessoa está mal, conversar. Hoje deve ter algum aluno aqui que está com algum problema ou que está triste dentro da sala. Eu acho que deveria ter algum apoio na escola, uma psicóloga ou alguma coisa parecida, para estar alertando. (Mulher, escola pública, Manaus)

Os adolescentes reclamam que a escola deveria abordar mais temas que envolvam seu cotidiano. No seu modo de ver, a escola pode ser uma importante fonte de informações sobre assuntos típicos do período da juventude, como o namoro e a sexualidade.

Normalmente, a pessoa não tem oportunidade de conversar com a mãe. Muita gente tem vergonha de falar com a família, até na escola eu vejo que é pouco ou não é muito abordado [assunto] como o sexo na adolescência, o aborto. É pouquíssimo abordado na escola. (Mulher, escola pública, Florianópolis)

A sugestão dos jovens, portanto, é que a escola seja um espaço de liberdade no qual possam expressar dúvidas e obter esclarecimentos. O potencial da instituição escolar, reconhecido e desejado pelos garotos e garotas, é um trunfo pedagógico na mão dos educadores para promoção de diálogo sobre sexualidade, esclarecimentos sobre uso de drogas, prevenção da violência e outros. Em alguns países, como os Estados Unidos e o Canadá, os programas de prevenção à violência no namoro privilegiam a escola para suas intervenções (Cornelius & Resseguie, 2007; Jaffe *et al.*, 1992; Whitaker *et al.*, 2006). Idealmente, isso é o esperado por todos os setores sociais e pelos próprios jovens. Porém, temos que nos lembrar de que essa instituição não é uma ilha isolada e, como toda sociedade contemporânea, vive uma crise de valores.

Soma-se a essas dificuldades a complexidade da própria comunicação com a juventude, não somente em termos de linguagem, mas no sentido de estabelecer empatia e confiança. Em vários momentos, meninos e meninas declararam que em geral não incorporam às suas vidas as mensagens que tenham tom de aconselhamento, pelo menos

na forma tradicional com que muitos pais, professores, profissionais de saúde e meios de comunicação costumam repassar. Essa maneira de alertar os jovens sobre as situações de risco, muitas vezes imperativa e impositiva, é rechaçada. Assim, foi comum que eles exaltassem a possibilidade mais aberta de conversa proporcionada por nossa pesquisa: “Dar conselho do que a gente tem que fazer nem sempre a gente ouve. Já em vocês [pesquisadores] podemos confiar para desabafar e expressar os sentimentos. Dá mais coragem” (Homem, escola pública, Manaus).

Muitos citam a importância de ter oportunidades de informação para tirar dúvidas. Alguns acreditam que isso pode ser feito em grupos maiores; outros, que deve ser criado um local com mais privacidade, para aqueles que não queiram se expor: “Encher essa sala de aluno, conversar com todo mundo, dar panfleto, imagens, aí o cara fica tirando dúvida, fica bem melhor” (Homem, escola particular, Cuiabá).

Alguns adolescentes, no entanto, mostram que, por mais que a escola se esforce para orientar, não é o suficiente, pois ela não atua sozinha: “Mesmo com palestra, só esse ano, no mínimo [há] cinco gurias grávidas no colégio” (Homem, escola particular, Cuiabá);

O colégio é muito grande, é um volume muito grande de alunos, então [o professor] não tem essa capacidade de escutar todos. E hoje os alunos também têm muito medo, ficam muito fechados. Nenhum professor, nenhum coordenador sabe do que se passa dentro de uma pessoa. (Mulher, escola particular, Cuiabá)

É fundamental que estratégias de intervenção relacionadas à violência nas relações afetivas contemplem na medida do possível as subjetividades dos alunos, e que, individual e coletivamente, busquem vencer as dificuldades de comunicação. Os estudantes entrevistados pedem isso. Tanto os adolescentes das escolas particulares quanto os das públicas consideram que é importante ter um serviço de apoio psicológico na escola que possa orientá-los. Palestras e reuniões com especialistas convidados e a contratação de profissionais habilitados para abordar temas de interesse dos jovens são sugestões reiteradas pelos alunos: “Palestras com pessoas que já foram violentadas, por exemplo, aí dar palestra de como foi isso, de como fazer depois” (Mulher, escola particular, Recife); “Alguém que é formado em psicologia. Aí formar uns grupos assim, durante a semana, conversar, discutir os problemas que temos” (Homem, escola particular, Porto Velho); “Acho que a gente deveria ter um professor de sexologia só para isso na escola. Ele iria levar bastante informação” (Mulher, escola pública, Cuiabá); “Aqui na escola seria bom alguém, um psicólogo, que orientasse a gente. Deveria ter vários métodos para conscientizar as pessoas, orientar para não terem um relacionamento malsucedido” (Homem, escola pública, Manaus).

Em relação às atividades oferecidas na escola, alguns problemas são relatados, como é o caso de salas muito cheias, distração dos alunos e brincadeiras que prejudicam a aprendizagem: “Debate com a sala inteira não dá. Porque você fala uma coisa, vão ficar tirando graça” (Mulher, escola particular, Recife).

Os jovens chamam a atenção para que as iniciativas da escola em relação à prevenção ocorram mais precocemente, com mais frequência e atendendo às necessidades de ajuda. “Eu acho que se tivesse outra orientação na escola, desde o começo da adolescência, seria diferente para a gente hoje em dia (...). E, quem sabe, diminuiria mais esse negócio de violência? As agressões de ciúme, as pessoas saberiam se controlar mais” (Mulher, escola particular, Teresina).

A fragilidade no diálogo dos professores com os estudantes foi bastante criticada. Poucos educadores foram apontados como capazes de dar uma atenção especial aos seus alunos, conversar e tirar dúvidas sobre os vários aspectos da sua vida. Alguns belos depoimentos de amizade e bom relacionamento demonstram o quanto a relação de confiança entre educadores e alunos pode possibilitar um trabalho de orientação: “Eu conversei com a inspetora, até com os professores. Eles são muito amigos. Um dia eu estava mal, aí ela começou a dar uns conselhos, começou a dar exemplos da família dela” (Mulher, escola pública, Cuiabá); “Tem um professor aqui, um professor diferente, a gente chega pra ele. Ele é nosso professor e nosso amigo também” (Homem, escola pública, Manaus); “Aqui na escola, chegam perto de você e querem ensinar para você coisas que vão te beneficiar (Mulher, escola pública, Cuiabá); “O jovem precisa se informar, em casa não se informa direito. Eu tive o privilégio de na 8ª série ter mais uma professora bacana, minha professora de matemática. Era a única que conversava com a gente” (Mulher, escola pública, Manaus);

Tem uma professora de física e legislação trabalhista. Ela conversa todo tipo de assunto. A professora que ele tá falando não é uma professora, é uma amiga do aluno. Ela aborda esses assuntos, aula de física, tem dias que ela dá aula de atualidade, também usando física. É uma professora bem descolada. Ela mostra ser uma amiga de você, ela dá opiniões sobre o que a gente pensa, que um amigo poderia dar. (Homem, escola pública, Recife)

Uma adolescente de Teresina fala sobre um professor de física que propôs à turma um encontro com os pais na escola para buscar maior aproximação entre eles e os filhos, “porque exatamente a gente chega em casa, liga a televisão lá no quarto, não conversa” (Mulher, escola particular, Teresina).

Mesmo referindo-se a palestras por vezes como algo ‘chato’ ou de menor impacto, diversos jovens disseram acreditar que esse tipo de orientação deve continuar a ser utilizado nas escolas. Talvez sua qualidade e sua capacidade de chamar e prender a atenção dos jovens é que estejam em questionamento.

Os adolescentes fazem também sugestões importantes como os encontros com outras turmas, outras escolas e, especialmente, entre os garotos e as garotas. Uma experiência bem-sucedida nesse sentido foi narrada por uma jovem de Cuiabá:

Eu estudava numa escola que todo sábado tinha projeto. Tinha esportes, jogos e brincadeiras, aula de sexologia. Tinham dois professores, um homem e uma mulher. No último dia de projeto ele juntou os meninos e as meninas e ele falou para os meninos perguntarem alguma coisa para as meninas, e as meninas para os meninos, para a gente se entrosar. (Mulher, escola pública, Cuiabá)

Especificamente sobre a atuação da escola nas situações de violência, algumas meninas de Belo Horizonte fizeram uma sugestão de um projeto de acolhimento mais focado nessas vivências.

Poderia ter um projeto aberto na escola. As meninas, o pessoal todo que passa por alguma violência dentro de casa, ou com namorado ou com tudo, para se abrir, para falar, eu acho que seria ótimo. Todo mundo ia ter mais ideias, ia ter uma experiência a mais! Poderia até dar conselhos também: 'É bom, eu mudei, aconteceu isso e isso comigo'. (Mulher, escola pública, Belo Horizonte)

Os adolescentes expressaram o desejo de aprender outras formas de lidar com os problemas nas relações amorosas. Sugeriram que o tema deveria ser discutido nas escolas antes de começarem a namorar e que os sinais de um relacionamento violento poderiam ser abordados em sala de aula para prevenir que ocorressem. Sugeriram ainda que jovens que apresentem comportamentos violentos nas relações afetivo-sexuais enquanto estão nas escolas deveriam ser encaminhados para aconselhamento, em vez de serem punidos e suspensos. Além disso, os adolescentes claramente indicaram a necessidade de apoio que os ajudem a lidar com situações de conflito. Esse desejo é confirmado por estudos internacionais como o de Sears e colaboradores (2006).

O APOIO DA MÍDIA: AMPLIANDO O ESPAÇO DE ATUAÇÃO

Nesta pesquisa, ficou claro que a mídia tem um lugar especial de apoio aos jovens, seja pela veiculação de conteúdos importantes, seja pela interação que possibilita, seja pela polêmica que seus diversos produtos geram, permitindo debate e apropriação criteriosa. Neste capítulo, encontramos, ao mesmo tempo, referências dos jovens sobre a relevância dos meios e críticas sobre as formas que consideram inadequadas de tratá-los e abordá-los. Apesar das restrições existentes, os adolescentes esperam muito da mídia.

Ao gerar informações sobre violência ou reproduzi-las, a mídia não está dirigindo somente uma mensagem de um emissor para um receptor, mas produzindo sentidos que, no caso dos jovens, afeta de várias maneiras suas concepções sobre a realidade (Njaine, 2006). No que se refere às experiências afetivo-sexuais, a mídia é também fomentadora de ideários, como o do amor romântico, que remete ao 'ideal de relação'.

O amor se torna o tema central da felicidade moderna e, por isso, é presença obrigatória nas produções da indústria da cultura. Quer estejamos na pré-história, quer na Roma antiga, em qualquer tempo, não há história ou trama que não se desenrole através da procura e do encontro da paixão amorosa. (Lázaro *apud* Jablonski & Babo, 2002: 39)

As representações sobre o feminino e o masculino são também fomentadas pela mídia. Com base em uma série de pesquisas que utilizaram revistas masculinas e femininas, Jablonski e Babo (2002) mostram como essas matérias reforçam e mesmo ajudam a criar certas imagens do 'ser homem' e do 'ser mulher'. No mesmo sentido, Zucco e

Minayo (2009) discutem como as revistas femininas tratam a questão da sexualidade. Os papéis de gênero são assim reforçados e, dessa forma, tais revistas “podem ajudar a reforçar preconceitos e estereótipos preexistentes em nossa cultura que influenciarão os relacionamentos amorosos ou ajudar a estabelecer novos padrões” (Jablonski & Babo, 2002: 39).

Em uma pesquisa de 1998, Willemsen conclui que nas revistas voltadas ao público adolescente, o conteúdo é “geralmente tradicional e estereotipado, retratando as moças como pessoas dependentes, apenas preocupadas com a aparência e com as conquistas amorosas” (*apud* Jablonski & Babo, 2002: 40).

As revistas dirigidas ao público feminino costumam reproduzir conteúdos de gênero já previamente definidos, não colaborando para o questionamento de papéis de garotos e garotas. Em geral, a maioria traduz para o universo adolescente a ideia da felicidade atrelada ao amor romântico.

Jablonski e Babo (2002) discorrem sobre a existência de *scripts* românticos veiculados nas mídias, o que poderia associar-se, por exemplo, a um não uso de preservativos, uma vez que a paixão opõe-se à racionalidade. Tais *scripts* reforçam os papéis tradicionais de gênero e a reconhecida passividade feminina que deixa ao homem a decisão de usar ou não um preservativo (e mesmo de possuí-lo no momento). Ainda hoje, o homem é o encarregado de comprar o preservativo. Os ‘desencontros amorosos’ são, segundo os autores, proporcionados pela veiculação de informações contraditórias para homens e mulheres e pelo estímulo de comportamentos diferentes para um e para outro. Essa interpenetração de sentidos da mídia na vida dos adolescentes pode ser considerada uma forma de violência simbólica. Do mesmo modo, a representação da sexualidade feminina é explorada pelas revistas, que cristalizam papéis hegemônicos em vigor na sociedade (Zucco & Minayo, 2009).

Mesmo com todas as críticas a esses discursos, é evidente que a experiência com a mídia, sobretudo a televisiva e a Internet, representa, hoje em dia, uma das principais formas de contato dos jovens com o mundo. Esses meios, portanto, têm grande potencial de disseminar informações e mensagens pelo seu alto alcance, e podem contribuir para a prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência (Njaine, 2006). Muitas falas dos entrevistados indicam essa direção, ainda que lhe deem diferentes graus de importância. O reconhecimento das possibilidades de alguns programas televisivos, sobretudo das novelas, foi também realçado: “Acho que a televisão já fala bastante, você pode ver que toda novela tem um casal *gay*, acho que a televisão é um bom lugar [para propagar algumas mensagens]” (Mulher, escola particular, Porto Velho);

Eu acho que a mídia auxilia tanto! Não sei se alguns se lembram daquela campanha do uso da camisinha, que a filha diz para a mãe: ‘vou com meu namorado lá para o quarto’. E a mãe já tirava a camisinha do bolso e falava: ‘filha, tome isso aqui por via das dúvidas’. (Mulher, escola particular, Recife)

É bem verdade que a mídia oferece um acesso fácil às informações, especialmente “às pessoas que não têm muito espaço de conversa com os pais” (mulher, escola pública,

Recife). Nesses casos, a mediação de temas dedicados a adolescentes faz com que os meios eletrônicos cumpram um papel pedagógico que concorre com os transmissores tradicionais de informação, como a escola e a família.

Mas os jovens são também muito críticos em relação ao que é transmitido e relativizam o papel da mídia quando comparada, por exemplo, à contribuição dos pais. Os conteúdos televisivos são questionados sobretudo pela quantidade de informação sem qualidade que é despejada no público, chegando muitas vezes a desinformá-lo sobre alguns temas. Esta última crítica foi a mais recorrente, pois os jovens consideram que a superficialidade com que alguns temas são tratados contribui para a banalização da violência e de questões que envolvem a sexualidade. Assim, a TV poderia ajudar na prevenção “não mostrando tanta violência. Ela não passa como se previne, só passa violência” (Mulher, escola pública, Porto Velho). Alguns depoimentos a seguir estão na mesma linha: “São poucos os programas de TV que falam mais sobre conscientização, sobre relações. Você vê mais o que aconteceu ou o que está havendo sobre relações erradas” (Homem, escola particular, Cuiabá);

A mídia deveria mostrar as coisas boas; lógico, tem que mostrar as coisas ruins que acontecem no mundo. Mas dessa forma que acontece no mundo, que contam em novela, acaba tipo meio que influenciando o que você vai fazer. (Mulher, escola particular, Brasília)

Em resumo, a mídia foi citada como uma das instituições que podem ajudar na prevenção da violência no namoro e na promoção de relacionamentos afetivos saudáveis, mas deve estar atenta ao olhar crítico e criterioso dos jovens. “Eu acho, assim, que quando tentam tratar o assunto de jovem ou criança, entrar na linguagem do jeito deles, eu acho que fica muito forçado, acaba ficando uma coisa totalmente diferente” (Homem, escola particular, Teresina);

Não adianta (...) ficar jogando um monte de coisas, porque o jovem se você diz que vai ter que fazer isso, ele nunca faz. Imagino alguma coisa assim que pudesse mover os jovens não dizendo o que eles têm que fazer. (Mulher, escola particular, Manaus)

Essas críticas podem retroalimentar a produção, a circulação e o consumo das mensagens, pois falam diretamente contra as propostas que a mídia faz para atingir esse público. Assim como em relação às tradicionais instituições socializadoras como a escola e a família, a mídia pouco escuta os jovens, a não ser para torná-los alvos de consumo.

A propósito, a novela *Malhação*¹¹ foi citada várias vezes, motivando intensos debates e polêmicas sobre suas formas de abordagem de determinados assuntos que concernem à adolescência: “Eu acho que é a forma mais tosca de demonstrar isso [o namoro] é pela *Malhação*. É muito ridículo” (Mulher, escola particular, Manaus); “É, eles sempre passam isso com a *Malhação* (...) o assunto do que é de adolescente. Mas é muito, muito superficial. É muita fantasia. Histórias perfeitas. Amor perfeito” (Mulher, escola pública, Florianópolis).

¹¹ Novela voltada para o público jovem, apresentada pela TV Globo.

Pesquisa realizada com jovens do Rio de Janeiro já apontava críticas a esse seriado, pela superficialidade com que trata as questões da adolescência e a banalização de alguns temas (Minayo *et al.*, 1999). Depois da divulgação dos resultados da pesquisa, por influência ou não dela, o seriado foi reformulado; entretanto, continua alvo de críticas, assim como outros programas de TV.

Um grupo de adolescentes referiu-se não só à qualidade dos programas que tratam de assuntos que poderiam interessar ao público jovem – “*Altas horas*, que eu assisto, é ‘tribom’, é importante” –, mas ao horário em que são transmitidos, por ser inacessível, como disse o jovem de uma escola particular de Porto Alegre.

Em relação às campanhas televisivas, os adolescentes apontam o limite entre o ‘saber’ e o ‘agir’, compreendendo que a mudança de comportamento não depende apenas da informação que uma pessoa recebe: “Eu acho que hoje em dia você fica grávida se você quiser, tudo está muito explícito” (Mulher, escola pública, Rio de Janeiro).

O rádio foi citado como uma mídia importante, tendo sido, inclusive, lembrada uma experiência bem-sucedida de programa radiofônico que contava com a participação de uma psicóloga. Nessa proposta, os jovens ligavam para conversar e tirar dúvidas sobre diversos temas: “Conversava-se sobre tudo, sexualidade, violência, essas coisas” (Mulher, escola pública, Teresina).

Outra forma de mídia bastante citada por garotos e garotas foi a Internet e suas ferramentas. Remetemos aqui ao que já foi discutido nos capítulos 1 e 3 sobre os potenciais e os usos dessa tecnologia para relacionamento dos adolescentes, pois tanto serve para se relacionarem afetivamente como para incitar a prática de violência, sobretudo sexual e psicológica.

No âmbito da prevenção na Internet são citados *sites* interativos, dentre outros, em que, na maioria das vezes, o adolescente não precisa se identificar para tirar uma dúvida ou para pedir orientações. Dessa forma, ressaltamos que o anonimato pode ser uma importante estratégia de ajuda para os casos de violência nas relações, uma vez que muitos adolescentes têm vergonha de se expor. No entanto, é preciso considerar a qualidade dessas interações e as informações que são repassadas sobre relações afetivo-sexuais.

O APOIO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE: A ATENÇÃO AOS JOVENS, UMA ESCUTA PROFISSIONAL E AFETIVA

Os profissionais de saúde são pouco procurados pelos jovens das dez capitais no que concerne às situações de violência no namoro (3,3%). Da mesma forma, os jovens quase não indicam esses profissionais como potenciais referências para apoiá-los nos casos de conflito nos relacionamentos (13,4%).

Em geral, os adolescentes raramente procuram os serviços de saúde, a não ser nos casos de solicitação de algum atestado ou de interesse por alguma palestra. As meninas os procuram mais para ouvirem sobre gravidez, e os meninos quando vão buscar preservativos.

Para os jovens, os profissionais de saúde geralmente estão associados a doenças e a consultas médicas. Fora disso, só são lembrados alguns tipos de profissionais, como os psicólogos, quando sua função está associada à escola.

No entanto, segundo o conceito ampliado de saúde, os serviços têm o papel de atender aos adolescentes, de orientá-los quanto à sexualidade e também quanto às violências que ocorrem nas relações afetivo-sexuais, e alguns exitosos serviços no país já atuam nesse sentido.

Parsons e colaboradores (*apud* Scheiman, 2003) estudaram as práticas de investigação na anamnese (*screening*) realizada por profissionais de saúde por ocasião das consultas (entre eles, obstetras/ginecologistas) e revelaram que a maioria não pergunta pela existência de violência interpessoal. Uma barreira comum notada em pesquisas com médicos é a crença de que esse questionamento (sobre violência) não é eficaz.

Muitas vezes, é necessário que a equipe de saúde invista em estratégias que permitam aumentar a confiança dos jovens para que eles se sintam à vontade e confiantes o bastante para revelarem suas experiências afetivo-sexuais. A literatura destaca a importância de se fazerem perguntas objetivas e específicas sobre as situações vividas. Os profissionais devem ainda estar atentos aos sinais, como abuso de substâncias, alimentação desordenada, anorexia, bulimia, comportamentos sexuais de risco e tentativas de suicídio (Parsons *et al. apud* Scheiman, 2003).

É importante também informar os jovens sobre os recursos que os serviços de saúde e a escola, dentre outras instituições, oferecem na comunidade para ajudá-los em casos de ocorrência de violência interpessoal. Isso só se torna possível quando se cria um ambiente em que o adolescente se sinta seguro e acredite na pessoa que o atenda.

É preciso ressaltar que se pouquíssimos jovens relataram procurar profissionais de saúde para conversar sobre seus problemas afetivo-sexuais, alguns adolescentes gostariam de ter mais acesso a eles: “O que seria bom é se tivesse no posto de saúde uma pessoa mais assim” (Mulher, escola pública, Porto Velho).

Esse apoio é desejado tanto para os alunos das escolas públicas como para os das particulares. Alguns que estudam em estabelecimentos privados, inclusive, queixam-se de que as campanhas de saúde são mais direcionadas às escolas públicas.

Distribuir camisinhas já tem hoje. Mas ter novidades maiores já é escasso. Ter mais campanhas, fazer orientações até mesmo na televisão ou no colégio, nos públicos e também nos particulares. Eles visam muito ao público, particular quase não tem [campanhas]. (Mulher, escola particular, Cuiabá)

A baixa procura pelos serviços de saúde também é justificada pelo próprio preconceito dos adolescentes em relação a alguns profissionais: “Tem preconceito. Os adolescentes, tendo problemas ou não tendo problemas, não vai ao psicólogo. Ele fala: ‘Psicólogo e psiquiatra? Eu não estou doido para ir ao psicólogo’” (Mulher, escola particular, Cuiabá).

Outro fator comentado que leva os jovens a não buscarem apoio de profissionais de saúde é o fato de se julgarem bem informados: “Se você já tem uma orientação em casa

com os seus pais, são experientes, eles te aconselham e você segue, mas entre amigos, sei lá, se você junta a informação que você tem com a de amigos, você consegue [não precisa do profissional de saúde]” (Mulher, escola pública, Brasília).

É preciso ressaltar que, embora todos os jovens busquem muito pouco o apoio de profissionais de saúde, os rapazes procuram menos ainda (Schraiber, Gomes & Couto, 2005). O modelo cultural segundo o qual às mulheres são destinados os cuidados se expressa em alguns depoimentos: “[Os meninos vão] só quando estão doentes” (Homem, escola pública, Florianópolis); “Eu fico com medo do que ela [profissional de saúde] vai pensar de mim” (Homem, escola pública, Florianópolis);

Serviço de saúde é bem difícil também para o homem ir. O certo é: você começou um relacionamento, você tem um ato sexual, você ir aos postos de saúde. Você se informar sobre o quê? Tem mãe que tem vergonha do filho. E aí ele tem que aprender na rua. Tem vergonha de falar com o pai. Tem medo do pai, da mãe. (Homem, escola pública, Cuiabá).

Ou seja, o que vai sendo assimilado quanto à prevenção é a inclusão de alguns exames na rotina da vida e a consciência de que certos cuidados com a saúde são importantes:

“Na minha opinião, acho que funciona um ginecologista ou um psicólogo, que é uma pessoa neutra. Você pode falar o que quiser para ela. Só tende a melhorar” (Homem, escola particular, Porto Alegre); “Teve uma aula de psicologia aqui que foi ótima! A mulher explicou muita coisa sobre o relacionamento sexual” (Homem, escola particular, Belo Horizonte); “É como se fosse igual um exame de próstata. Depois dos quarenta, todos os homens são aconselhados a fazer. A guria depois que menstrua também é aconselhada a isso também” (Homem, escola particular, Porto Alegre).

A vergonha e a dificuldade de falar e de tirar dúvidas com a família sobre questões de namoro, sexo, contraceptivos e doenças sexuais transmissíveis levam os adolescentes, muitas vezes, a enxergar o psicólogo como um mediador na aproximação com os pais, na expectativa que têm a respeito de uma relação mais aberta e sem julgamentos morais: “Poderia ajudar os pais [a nos orientarem], não a gente, porque a gente não vai ter liberdade com as pessoas que a gente não conhece” (Homem, escola particular, Belo Horizonte).

Taquette e colaboradores (2005) relatam que a clientela adolescente que procura os serviços de saúde é bastante diversificada, demandando ações específicas e que envolvem conflitos bioéticos, éticos e profissionais. Esses autores informam que uma das situações mais rotineiras refere-se ao sigilo e à confidencialidade na consulta. E que o conflito entre os adolescentes e os profissionais relaciona-se ao fato de esses últimos duvidarem se eles podem cuidar sozinhos de sua saúde. Para ajudar os operadores de saúde, Taquette e colaboradores (2005) recomendam: avaliar as competências dos jovens; conhecer leis e estatutos que os protegem; documentar com cuidado as informações; consultar o Ministério Público e as sociedades legais em casos de dúvidas; discutir os problemas com a equipe para garantir uma proteção maior ao adolescente. Ressaltamos a importância do último ponto: discutir na equipe a melhor forma de proteger o adolescente. Só assim os outros passos podem ser dados com um pouco mais de segurança.

PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA E PROMOÇÃO DE RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS

Estudos internacionais sugerem que adolescentes envolvidos em violência afetivo-sexual, como vítimas ou perpetradores, não procuram muito ajuda profissional, corroborando nossos achados. Diante desse fato, a elaboração de medidas de intervenção e daquelas que auxiliem em uma identificação precoce do problema são de extrema importância.

Dentre as principais dificuldades apontadas para a implementação de programas de prevenção e intervenção, estão: o estigma associado à busca de ajuda legal, física ou psicológica para problemas pessoais; a preocupação dos adolescentes com a privacidade e a proteção de suas relações afetivas; o apreço pela autossuficiência e a falta de informação para avaliar a qualidade dos seus relacionamentos afetivos, conforme indica a literatura internacional (Ashley & Foshee, 2003).

Diversos autores enfatizam ainda a necessidade de capacitação dos profissionais de saúde e educadores, por exemplo, que estão diretamente em contato com adolescentes que são potenciais vítimas ou agressores em suas relações afetivas. Os programas de intervenção, de acordo com eles, devem levar em consideração as diferenças de gênero (Arriaga & Foshee, 2004). A literatura atesta que meninas, em geral, discorrem mais acerca das agressões cometidas e sofridas do que os meninos.

Tais programas de intervenção devem também atentar para a coocorrência de violência física, sexual e psicológica, já que a tendência é dar atenção apenas às agressões físicas (Sears, *et al.*, 2006). Estudos cujo foco são os fatores de risco associados à violência afetivo-sexual vêm apontando para uma relação entre o monitoramento parental e a redução de comportamentos violentos em adolescentes (Brendgen *et al.*, 2001). Pouco sabemos sobre outras redes que os adolescentes poderiam acessar a exemplo da que é formada pelos amigos.

Alguns autores consideram que as especificidades de classe e raça devem ser cuidadosamente analisadas, valorizando-se a criação de programas de prevenção que possam contemplar diferentes realidades sociais e econômicas (Scheiman, 2003).

Diversas iniciativas pautadas na prevenção da violência no namoro entre adolescentes vêm sendo implementadas e avaliadas em outros países, sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá, onde o tema já faz parte do debate científico há algumas décadas. Tais iniciativas têm como pressuposto que é necessário articular um leque amplo de dimensões pedagógicas para se conseguir passar informações adequadas, propiciar a geração de conhecimentos e sugerir atitudes e práticas saudáveis (Jaffe *et al.*, 1992).

São várias as estratégias utilizadas nos programas já existentes nos Estados Unidos e no Canadá. No entanto, o objetivo principal e comum é diminuir a probabilidade de os participantes se tornarem, no futuro, potenciais perpetradores de violência conjugal (Jaffe *et al.*, 1992). A maior parte dessas estratégias se realiza tanto no âmbito da prevenção primária, que visa a evitar o desenvolvimento de comportamentos violentos, quanto no

da prevenção secundária, que intervém em padrões já instalados de comportamentos violentos nos relacionamentos de namoro (Cornelius & Resseguie, 2007).

Em geral, o foco dos programas nesses países é a promoção de fatores protetores relacionados às relações íntimas, à capacidade de resolução de conflitos de forma não violenta, ao fortalecimento de competências sociais e ao enfrentamento das dificuldades da vida, assim como à redução de fatores de risco (Cornelius & Resseguie, 2007; Whitaker *et al.*, 2006; Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004). O êxito das propostas geralmente é avaliado quanto a sua competência para modificar dimensões cognitivas ligadas a comportamentos violentos, dentre as quais: normas agressivas que são comuns no rito do namoro, crenças tradicionais quanto a papéis de gênero, bem como a falta de informação sobre serviços voltados para ajudar os jovens a se prevenirem ou a superarem práticas violentas (Avery-Leaf *et al.*, 1997; Foshee *et al.*, 2000).

Muitas iniciativas de prevenção se dirigem, por meio de campanhas midiáticas, a públicos específicos, como os escolares, os jovens de comunidades desfavorecidas e alguns grupos considerados de risco. A maioria das iniciativas se realiza no âmbito da escola, desenvolve sessões didáticas e envolve a participação dos pais, dos professores e, por vezes, da comunidade (Cornelius & Resseguie, 2007; Whitaker *et al.*, 2006; Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004).

No entanto, as práticas pedagógicas voltadas à prevenção têm alguns pressupostos e limites. Algumas pesquisas sugerem que indivíduos em situações de alto risco comportamental são os que menos procuram e acessam os programas de prevenção (Sullivan *et al. apud* Cornelius *et al.*, 2009). Assim, é importante estar atento a todos os que precisam receber atenção e proteção.

Muitos estudos indicam que a adesão a programas de prevenção está ligada à percepção de que em algum momento a mesma pessoa pode (e todos podemos) ser perpetradora ou vítima (Eisen & Zellman, 1986; Ronis & Harel, 1989; Strecher, Champion & Rosenstock, 1997). Assim, a busca por ajuda por parte dos adolescentes nos casos de violência no namoro, particularmente, está diretamente ligada a sua percepção da gravidade desse fenômeno e à vontade de construir relações afetivo-sexuais saudáveis. Em outras palavras, estamos dizendo que qualquer proposta só poderá dar certo se atingir a subjetividade de cada jovem (Cornelius *et al.*, 2009).

A proposta de promoção abre espaço para a reflexão sociológica sobre a saúde e advoga por políticas e práticas mais consequentes e efetivas voltadas para a melhoria da qualidade de vida. Para isso, é preciso que o foco da análise seja colocado nos sujeitos dentro dos seus espaços, levando-se em conta o contexto relacional, a dinâmica no universo comunitário, ambiental e as determinações sociais. Esse conhecimento é crucial, já que os modos como os agentes compreendem seu contexto fazem parte e direcionam sua ação (Bodstein, 2010; Green & Kreuter, 1996; McQueen, 2001; Potvin & McQueen, 2008). Gostaríamos de ressaltar que as práticas em promoção da saúde incluem as experiências dos diversos sujeitos sociais, o que, em se tratando da violência afetivo-sexual, é fundamental.

O Brasil vem dando importantes passos no sentido do enfrentamento da violência entre parceiros íntimos. Diversas são as iniciativas, sobretudo a partir de 2004, quando começou a ser delineada a Política de Atenção Integral a Mulheres e Adolescentes Vítimas de Violência Doméstica e Sexual. Dentre elas, destacam-se a criação de protocolos de atendimento, a publicação de normas técnicas, a notificação compulsória do agravo, as capacitações profissionais para o atendimento a esse público. Segundo o Ministério da Saúde, a Rede Nacional de Atenção Integral para Mulheres e Adolescentes em Situação de Violência Doméstica e Sexual reuniu, em 2010, 442 serviços de saúde para atendimento da violência sexual, quatrocentos para atendimento aos casos de violência doméstica e sessenta serviços de saúde especializados para atendimento de procedimentos relacionados à violência sexual previstos em lei (Brasil, 2010).

Sem dúvida, tais iniciativas são um avanço incontestável; contudo, os resultados deste estudo acenam para a importância de se intervir em idades mais precoces, sobretudo em promoção e prevenção primária em saúde, quando o intuito é a construção de valores mais igualitários e de relações mais dialógicas na resolução de conflitos entre parceiros íntimos. A comunicação violenta nas relações afetivas é também um aprendizado, e como vimos ao longo deste livro, inicia-se ainda nas relações de namoro, podendo intensificar-se, conjugando diferentes formas de violência vida adulta afora.

No capítulo 4, vimos como é alta a prevalência de violência verbal entre meninos e meninas e como as questões de gênero vêm se apresentando nas violências no namoro e no ‘ficar’. Se por um lado as prevalências de violência nos apresentaram a informação de que meninas relatam cometer violências tanto quanto os meninos, por outro elas também relatam sofrer mais, o que se coaduna com a literatura a respeito de que meninas costumam falar mais das violências que sofrem e cometem. Tal constatação é um dado importante para se pensar a promoção de comportamentos saudáveis e a prevenção da violência, além de indicar a necessidade de se investigar mais aprofundadamente temas específicos, tais como a percepção dos meninos acerca da violência que cometem e que sofrem no namoro. O único item em que eles se destacaram em relatar mais do que as meninas foi justamente na prática do forçar a fazer sexo sem que o outro queira, o que nos mostra as múltiplas construções do perfil de violência sexual.

Numerosas e diversas são as iniciativas mundialmente desenvolvidas para dar suporte às mulheres vítimas de violência nas relações íntimas. Têm crescido as intervenções que envolvem as áreas jurídica, da saúde (física e mental) e social. Todavia, poucas iniciativas de prevenção primária no mundo envolvem pessoas do sexo masculino e os agressores, com exceção de países como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, onde são mais desenvolvidas, avaliadas e publicizadas (Rothman, Butchart & Cerdá, 2003).

Segundo o *survey* mundial realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 38 países no ano de 2001, os programas que atingem o tema da violência entre parceiros íntimos existentes ao redor do mundo se voltam para questões de masculinidade, diferentes formas de relacionamentos íntimos, padrões culturais e tradições,

resolução não violenta de conflitos, controle da raiva e habilidades parentais não violentas. Muitos deles desenvolvem ações voltadas para o adolescente em suas relações de namoro, demonstrando a importância das intervenções precoces (Rothman, Butchart & Cerdá, 2003).

Em recente publicação sobre prevenção à violência sexual e entre parceiros íntimos, a OMS corrobora a ideia de que o trabalho com homens, meninos e adolescentes tem sido uma tendência crescente nos esforços para mudar normas sociais e culturais. Esse estudo alerta para o fato de que as avaliações de programas de prevenção vêm indicando que não existem estratégias de eficácia comprovada para a prevenção da violência sexual praticada por parceiro íntimo ou das relações de namoro agressivas. A exceção refere-se aos programas direcionados para adolescentes (realizados em escolas), que têm demonstrado eficácia para prevenir a violência no namoro.

Embora a prevenção primária da violência por parceiro íntimo ainda esteja muito no início, a OMS apregoa que há razões para acreditar nas rigorosas avaliações dos programas existentes e no desenvolvimento de novos programas baseados no conhecimento de fatores de risco, levando a uma rápida expansão desse tipo de prevenção nos próximos anos (World Health Organization/London School of Hygiene and Tropical Medicine, 2010).

Consideramos que a inclusão dos adolescentes no planejamento e na execução de intervenção juntamente com os profissionais de saúde é um passo a mais que precisamos dar no cenário nacional. Se no âmbito das intervenções na vida adulta as experiências com agressores vêm sendo consideradas estratégicas no movimento de construção de novos valores e de rompimento com ciclos de violência em relacionamentos afetivos (Granja & Medrado, 2009; Zuma, 2004), podemos apostar na eficácia de ações durante a adolescência, quando esses valores estão se construindo e se reforçando nos meninos e nas meninas.

Do ponto de vista do papel do Estado e das instituições, o desafio continua sendo o de criar políticas e programas intersetoriais para que, juntamente com os jovens, construam uma sociedade menos permeada pela consentida violência na vida privada. Nossos estudos e experiências mostram que a violência social em geral se alimenta dessa fonte e também potencializa a cronificação dos conflitos e maus-tratos no âmbito das relações afetivas, seja de 'ficar', seja de namoro, seja conjugal.

Apesar da relevância social da violência nos relacionamentos íntimos dos jovens, este é um tema ainda recente na literatura científica. Até meados da década de 1980, as investigações mantinham seu foco na violência conjugal entre adultos ou jovens adultos, buscando conhecer sua dinâmica para propor estratégias de prevenção (Cornelius & Resseguie, 2007; Whitaker *et al.*, 2006).

Os primeiros estudos interessados em investigar a violência no namoro entre adolescentes e jovens datam da segunda metade da década de 1980 (Lane & Gwartney-Gibbs, 1985; Marshall & Rose, 1987). A partir da década de 1990, houve um aumento do interesse pelo tema, tomando-se como grupo de análise, sobretudo, os escolares (Foshee *et al.*, 1996).

O contato com jovens de vários lugares do país e das mais diversas condições sociais nos permitiu conhecer e aprofundar essa problemática. E os resultados desta pesquisa nos colocam diante do desafio de avançar na proposta de estratégias para atuar nos cuidados de prevenção e de proteção. Assim, ressaltamos alguns pontos:

- A alta prevalência da violência entre namorados e no ‘ficar’ foi apresentada no capítulo 4, por meio de resultados que se coadunam e coincidem com diversos estudos estrangeiros (Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004; Silverman *et al.*, 2001; Cascardi *et al.*, 1999).
- Os fatores de risco associados às relações afetivo-sexuais foram relatados ao longo do livro. A literatura internacional destaca vários deles, dentre os quais experiências violentas anteriores no namoro e na família, cultura de banalização dos atos violentos, influência dos colegas e características de personalidade (O’Keefe, 2005).
- Sobre os efeitos negativos da violência no namoro, diversos estudos realizados com adolescentes e jovens adultos descrevem uma enorme gama de danos, dentre os quais a baixa autoestima, o aumento da autoculpabilização, a vivência de sentimentos de raiva, de dor e de ansiedade (Jackson, Cram & Seymour, 2000; Jezl, Molidor & Wright, 1996, Makepeace, 1986; Nightgale & Morrissette, 1993; Smith & Donnelly, 2001; Truman-Schram *et al.*, 2000).
- Outro efeito deletério apontado por várias pesquisas a respeito das violências praticadas nas relações de namoro é que elas são, fortemente, preditivas da ocorrência da violência conjugal (Prospero, 2006; Smith & Donnelly, 2001; Frieze, 2000; O’Leary *et al.*, 1989). Para finalizar, entendemos que hoje já existem conhecimentos, ainda que inacabados, suficientes para que sejam construídos planos de ação educativa nas mais diversas esferas, com informações e estratégias assertivas. Não pretendemos parar aqui nem cruzar os braços, pois sabemos que a realidade dos jovens clama por uma atuação mais concreta e direta, cobrando de nós um retorno a sua contribuição para esta obra. Que essa contribuição se volte a favor deles e dê frutos para a prevenção da violência e para a promoção da vida.